

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: UM ESTUDO
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA¹**

Aluna: Gabriela Bandeira Silva

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Freire de Oliveira

UBERLÂNDIA/MG

DEZEMBRO/2019

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina de Trabalho de Curso II do Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração

RESUMO

A Educação Empreendedora (EE) é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço e importância não apenas na esfera acadêmica, mas também política e empresarial. Portanto, entender a maneira como a EE tem sido conduzida é fundamental para o seu aperfeiçoamento, contribuindo para o surgimento de novos empreendedores, assim como para que empreendedores já estabelecidos possam melhorar seus negócios. A presente pesquisa tem como objetivo compreender a formação empreendedora oferecida pelos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia-MG aos seus alunos. O estudo é uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. O local de estudo compreende os campi da Universidade localizados em Uberlândia-MG. Os dados foram coletados mediante análise documental e entrevistas semiestruturadas com 7 professores e 6 coordenadores dos 14 cursos que oferecem disciplinas ligadas ao empreendedorismo em suas matrizes curriculares os dados colhidos passaram pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados obtidos apontam que, a educação empreendedora ainda é um assunto pouco explorado e pouco incentivado dentro da instituição de ensino e que as ações e atividades desenvolvidas são realizadas de formas isoladas. Os métodos de ensino utilizados pelos professores são diversos, que envolvem teoria e prática, mas é nítido que ainda existe muito desinteresse por parte dos alunos, portanto, foi percebido que a Universidade deve incentivar mais a educação empreendedora dentro da instituição.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um fenômeno que tem ganhado força, no Brasil e no mundo, sobretudo a partir das décadas de 70 e 80, devido não só às transformações sociais e econômicas pelas quais passaram os países, mas também pela participação significativa das empresas de pequeno porte na geração de emprego e renda bem como nas atividades inovativas e sua contribuição no aumento da produtividade nacional (OLIVEIRA, 2016). Vários trabalhos (SCHUMPETER, 1982; BERNHOEFT, 1997; DOLABELA, 2003; SALUSSE, 2016; MIRSHIKAWA, 2014, SALUSSE; ANDREASSI, 2016; NAKAGAWA, 2011) reforçam a importância do empreendedorismo ao tentar mostrar a sua relação com o desenvolvimento econômico e o quanto é importante o apoio a esse fenômeno como forma de alavancar os níveis de crescimento e inovação nas economias contemporâneas.

Assim como o empreendedorismo o tema educação empreendedora (EE) tem sido crescentemente debatido, assumindo um grau de relevância cada vez maior nas esferas política, acadêmica e empresarial, inclusive em debates ocorridos nas Nações Unidas, como nas reuniões promovidas por alguns de seus órgãos internacionais, como as da Conferência das Nações

Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (UNCTAD, 2011; UNCTAD, 2015; LIMA et. al., 2015b apud SCHAEFER; MINELLO 2016)

A UNCTAD defende que a EE depende fundamentalmente de quatro aspectos: a) a inclusão do empreendedorismo na educação e treinamento, b) o avanço curricular, c) o aprimoramento do professor e d) o envolvimento com o setor privado. A UNESCO, por sua vez estabelece que os programas de educação empreendedora devam ser criados e instituídos a partir dos princípios orientadores da educação do século XXI que são aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

De acordo com Roque Filho, et. al (2015) acredita-se que a expressão educação empreendedora tenha originado da tradução das frases em inglês *entrepreneurship education* e *enterprise education*, entretanto esses termos surgiram em regiões distintas e também fazem menção a diferentes propósitos. O primeiro refere-se a um programa desenvolvido na América do Norte, cujo foco direciona-se à criação de um empreendimento que gere lucro a partir do fomento das habilidades, da motivação e do conhecimento técnico. Por outro lado, *enterprise education* não tem como objetivo central criar empresas que visem apenas lucros, mas sim fazer com que o indivíduo empreendedor tenha suas habilidades. Além disso, verifica-se que o processo pedagógico ainda é bem heterogêneo, não havendo uma forma única de se conduzir a educação empreendedora, o que pode, inclusive, estar relacionado com uma outra característica, ou seja, a sua recente introdução nas instituições de ensino, em especial, nas universidades, que data dos últimos 30 anos (ROCHA; FREITAS, 2014; MENEZES; COSTA, 2016).

A educação empreendedora possui características próprias e, que, portanto, é distinta do sistema educacional tradicional, o qual historicamente centra-se no papel do professor, enquanto indivíduo responsável por conduzir e repassar o conhecimento por meio de um programa engessado com aulas em forma de monólogos, ênfase em conteúdo e baseadas em perspectivas teóricas e abstratas, em que o papel do aluno é totalmente passivo, o que não estimula o seu lado empreendedor (DOLABELA, 2008; MALACARNE; BRUSTEIN; BRITO, 2014; SCHAEFER; MINELLO, 2016). A educação empreendedora, por outro lado, prevê grandes transformações nos papéis do docente e do aluno, nas práticas didático-pedagógicas e na natureza do ensino, conforme Figura 1 (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

A educação empreendedora atribui ao aluno um papel muito mais ativo e envolve técnicas mais flexíveis que aliam a teoria à prática. O conhecimento necessário para empreender deverá ser criado pelo próprio aluno e não transmitido pelo professor, caberá a este último,

nesse novo modelo, formular perguntas para que esse processo se inicie e construir as repostas é o aspecto-chave da função empreendedora, assim os alunos assumem um papel central e sua formação acontece alicerçada em pilares como experimentação, prática e contextualização ao mundo real, o que desenvolve neles capacidade analítica, criatividade, saber lidar com incertezas, além de os colocar em contato com a sociedade (FREIRE, 2002; DOLABELA, 2008; LOPES; TEIXEIRA, 2010; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Figura 1: Características da Educação Empreendedora



Fonte: SCHAEFER; MINELLO (2016, p. 77).

Nesse sentido, autores defendem que a educação empreendedora não deveria acontecer de forma isolada e autônoma, mas sim, de forma conjunta com outras atividades que permitam ao aluno colocar em prática determinadas atividades, bem como de forma integrada com outras disciplinas, com a instituição e a sociedade, uma vez que o empreendedorismo reúne aspectos que são inerentes a outros campos de investigação e extrapola os limites físico da sala de aula, ou seja, grande parte dos estudos na área, defendem que a educação empreendedora deveria ser integrada, transversal e interdisciplinar (GUERRA; GRAZZOTIN, 2010; MENDES, 2011; TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

No Brasil, a Fundação Getúlio Vargas foi a primeira universidade a oferecer um curso de empreendedorismo, em 1981, seguida pela Universidade de São Paulo que inseriu a disciplina Criação de Empresas, nos cursos de Administração, Economia e Contabilidade, em 1984 (DOLABELA, 2008). Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) a introdução de

disciplinas de empreendedorismo aconteceu mais tarde, por meio da introdução da disciplina Criação e Desenvolvimento de Novos Negócios no curso de Administração em 1994 (PPCADM, 1994). Posteriormente, no ano de 2011, o número de disciplinas de empreendedorismo foi ampliado nesse mesmo curso (PPCADM, 2011) e, outros cursos de diferentes áreas passaram a oferecer disciplinas com esta temática. Além das disciplinas a UFU oferece outras possibilidades (empresas juniores, incubadoras, atividades de extensão, etc) que podem estimular o empreendedorismo.

Pode-se dizer que a UFU se enquadra na constatação feita por Lopes (2017) quando coloca que as iniciativas de EE se multiplicaram a partir de 2010 tanto na educação formal quanto fora dela e que vários sujeitos da sociedade como governos, mídia, políticos, estudantes e instituições de ensino e seus professores vêm se interessando pelo tema.

A prática do empreendedorismo enseja que além do conhecimento adquirido, o empreendedor tenha a perspectiva tácita do ambiente circundante e de aspectos que envolvem desafios e oportunidades. Para tanto, se faz necessário novas estruturas e metodologias de ensino, onde o aluno se torne o protagonista dos processos de aprendizagem e os professores sejam os impulsionadores de novas metodologias e ferramentas pedagógicas com foco na educação empreendedora (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Todavia, os autores salientam que muitas vezes, docentes travam uma luta solitária, pois as IES brasileiras necessitam se preparar para implantar, disseminar e estimular práticas voltadas ao empreendedorismo, a fim de colocar o aluno no centro das ações. Nesse sentido, evidenciam-se as dificuldades da educação empreendedora no Brasil. Em contrapartida, Lima et al (2015a) apontam que:

[...] percebe-se que as necessidades de melhoria da EE no Brasil estão interligadas, tendo ao centro de suas conexões a necessidade de abordagem prática e de interação com os empreendedores e seu mundo real. [...] A melhoria da EE guiada pela busca da alta qualidade, com ênfase na prática e no contato com os empreendedores e seu mundo real, poderia gerar contribuições diretas para a formação de um grande contingente de estudantes, e indiretas para o país [...] (LIMA et al, 2015a, p. 433)

É necessário, portanto, refletir em mudanças de metodologias, ferramentas e currículos, tendo como norte o estudo interdisciplinar, o conteúdo aprendido fazendo parte de um todo interligado, o aprendizado para além da sala de aula e o foco no egresso não somente como empregado de empresas, mas também como “seu próprio patrão” (LIMA et al, 2015a; RIBEIRO et al, 2014). Nessa perspectiva, pensando na vertente de empreender no campo educacional, o trabalho do docente é árduo e desafiador, ou seja, transpor os saberes

funcionalistas e passivos, buscando transformar o aluno de mero espectador a sujeito reflexivo e condutor de ações que contemplem a criatividade e a inovação (GUIMARÃES; LIMA, 2016).

Dentro desse contexto, a presente pesquisa busca responder a seguinte questão: o que a Universidade Federal de Uberlândia, no âmbito dos cursos de graduação, oferece aos seus alunos no que tange à formação empreendedora?

Em consonância com a pergunta de pesquisa, este estudo tem como objetivo geral compreender a formação empreendedora oferecida pelos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia-MG aos seus alunos. Para atingir tal objetivo foram traçados os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar os cursos que possuem disciplinas de empreendedorismo na UFU; (2). Analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores; (3) Identificar se existem ações empreendedoras oferecidas pelos cursos que não estejam vinculadas diretamente às disciplinas da grade curricular; (4) Propor ações de melhoria à formação empreendedora vigente.

O importante papel da educação empreendedora para o desenvolvimento socioeconômico de uma nação tem sido reconhecido não só no Brasil, mas em diversos países pelo mundo, entretanto sua discussão ainda necessita de uma compreensão mais abrangente e consolidada que contribua para a sua disseminação de forma mais madura e efetiva. Nesse sentido, a pesquisa se justifica pelo levantamento de informações sobre a formação empreendedora do aluno de graduação da UFU, identificando as práticas pedagógicas e outras ações oferecidas e possibilitando a proposição de melhorias dessas práticas e ações.

Além desta introdução, o presente trabalho é composto pelas seguintes partes: Referencial Teórico, onde discorre-se sobre o empreendedorismo e o empreendedor, educação empreendedora nas universidades e os métodos, técnicas e recursos pedagógicos no ensino de empreendedorismo; Metodologia; Análise de Resultados e; Conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O EMPREENDEDORISMO E O EMPREENDEDOR

O termo empreendedorismo tem origem na palavra *entrepreneurship* da língua inglesa, e pode ser compreendido como a habilidade de fazer acontecer, envolvendo criatividade, motivação, sinergismo e inovação, podendo ser aplicado em projetos pessoais ou profissionais e que ainda permite a capacidade de perceber oportunidades e correr riscos (BARRETO, 1998; BAGGIO; BAGGIO, 2014). Ainda segundo Baggio e Baggio (2014), ser empreendedor

significa materializar coisas e construir ideias e sonhos próprios, levando em conta a personalidade e o comportamento individual de cada pessoa.

O empreendedor pode ser identificado através de algumas características:

visionários; sabem tomar decisões; são indivíduos que fazem a diferença; sabem explorar ao máximo as oportunidades; são determinados e dinâmicos; são dedicados; são otimistas e apaixonados pelo que fazem; são independentes e constroem o próprio destino; ficam ricos; são líderes e formadores de equipes; são bem relacionados (networking); são organizados; planejam; possuem conhecimento; assumem riscos calculados; criam valor para a sociedade (DORNELAS, 2008).

Pensando no Brasil, o empreendedorismo vem ganhando espaço, devido a transformações sociais e econômicas, com grande participação de empresas pequeno porte na economia, contribuindo para a geração de empregos (DORNELAS 2008; OLIVEIRA 2016). “O papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; pois abarca também iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade” (HISRIC; PETER, SHEPHERD 2009). No Brasil, o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) é uma entidade que contribuiu para que o empreendedorismo tornasse presente, pois antes, era desconhecido e pouco se falava sobre criar novos empreendimentos.

Para Isenberg (2010; 2011) o empreendedorismo pode ser encaixado como parte de um ecossistema, que nada mais é do que uma rede de instituições que auxiliam em todas as etapas do processo de criação de novos empreendimentos. E para isso, é importante que haja uma interação entre governo, indústrias e universidades, a fim de obter um desenvolvimento econômico através do empreendedorismo (ETZKOWITZ, 2002).

2.2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES

A educação empreendedora se refere ao desenvolvimento de habilidades e do espírito empreendedor pelos aprendizes, possibilitando que eles transformem ideias criativas em ações (LOPES; LIMA; NASSIF, 2017). Além disso, essa ação leva a uma transformação de valor, seja ele de uma forma ampla, financeira, cultural ou social. (LOPES; LIMA; NASSIF, 2017).

A educação empreendedora é importante para o desenvolvimento das pessoas, e a cada dia que passa está se tornando reconhecida em vários países do mundo (SCHAEFER; MINELLO, 2016). De acordo com a Comissão Europeia (2012), quanto mais cedo essa educação empreendedora for oferecida aos alunos é melhor, pois a mentalidade empreendedora é formada no ensino fundamental, já à nível superior, seu principal objetivo é desenvolver

habilidades empreendedoras (LOPES; LIMA; NASSIF, 2017). Além disso, a Unesco aconselha que a EE deve ser desenvolvida e implementada aos alunos, a fim de que estes possam ser capazes de inovar, adquirir conhecimentos, desenvolver seus próprios projetos e lidar com mudanças (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Segundo Dolabela e Filion (2013), no Brasil, é de extrema importância que a educação empreendedora esteja presente na vida dos estudantes, pois gera oportunidades que permitem uma maior proporção do capital humano, e consequentemente faz com que haja desenvolvimento de um potencial empreendedor.

A educação empreendedora faz com que os jovens sejam mais qualificados e preparados, sendo mais inovadores, proativos e com iniciativas, sejam elas pra trabalhar em alguma organização ou para criarem o seu próprio negócio (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010).

Atualmente, programas de formação que envolvem a educação empreendedora veem sendo incluídos nas atividades de estudantes, com disciplinas e atividades que os preparam para o “empreendedorismo”, esta uma temática que vem sendo estudada e que cada vez mais ganha visibilidade e valor. (LOPES, 2017).

É importante destacar que há vários casos de sucesso justamente ligados a implantação da educação empreendedora, pois o empreendedorismo como disciplina é uma alternativa para que no futuro seja uma opção profissional de criar o seu próprio empreendimento (DORNELAS, 2008).

Minniti e Bygrave (2001) explicam que o conhecimento é adquirido através das experiências vividas e isso é um fato crucial nas tomadas de decisões diante diversas situações e por isso o empreendedorismo é baseado nos conhecimentos que foram aprendidos através de experiências ao longo do tempo.

De acordo com Carbonell, Hernandez e García (2014), a educação é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade empreendedora. Por isso, as universidades devem proporcionar um ambiente em que o empreendedorismo é discutido, com programas de treinamento e atividades que desenvolvam uma cultura empresarial e que futuramente possam fazer com que os estudantes se tornem empreendedores (CAMPANELLA; PERUTA; GIUDICE, 2013).

A atividade empreendedora pode ser influenciada por diversos fatores, como a sociedade e o ambiente institucional em que o indivíduo se encontra, portanto, as universidades devem incorporar estratégias e oferecer oportunidades e uma estrutura adequada para que haja

desenvolvimento dos estudantes através do empreendedorismo. (NORTH, 1990; HUYGHE; KNOCKAERT, 2015; KENNEY; GOE, 2004; MEOLI; VISMARA, 2016).

Deve ser levado em conta que para que haja essa formação empreendedora dentro das universidades, deve-se traçar objetivos e utilizar de métodos pedagógicos para promover esse processo de ensino (DEGEN, 2009; DOLABELA, 2008; DORNELLAS, 2008; HISRICH ET AL., 2009; HONIG, 2004; ILANDER, 2010; KNOTTS, 2011; KURATKO, 2005; SCHMIDT, SOPER, & FACCA, 2012). Entre esses métodos pedagógicos podem ser usados palestras, leituras, estudo de caso, visitas a empresas, simulações, projetos em grupos, de programas de incubação de empresas, parques tecnológicos, programas e incentivos do governo, empresas juniores, entre outras que fortalecem a presença do empreendedorismo na vida dos jovens universitários, não sendo apenas a disciplina incluída na grade curricular dos cursos (DORNELLAS, 2008 DOLABELA, 2008; HENRIQUE; CUNHA, 2008).

2.3 MÉTODOS, TÉCNICAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Segundo Rocha e Freitas (2014), a literatura abrange diversos métodos, técnicas e recursos pedagógicos que são utilizados no ensino do empreendedorismo nas instituições de ensino, conforme o Quadro 1.

Essas estratégias pedagógicas precisam seguir uma direção, para que haja avaliação, autoconhecimento e que os alunos realmente desenvolvam as competências empreendedoras (LIMA et al., 2015). Contudo de acordo com Krakauer (2014), existe um dilema entre os conteúdos sobre empreendedorismo, o interesse dos alunos e os resultados alcançados. Muitos alunos são desinteressados, principalmente se o método do ensino for mais tradicional (KRAKAUER, 2014).

Quadro 1. Métodos, Técnicas e Recursos Pedagógicos

Métodos, Técnicas e Recursos	Aplicações
Aulas expositivas	Transferir conhecimentos sobre o Empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas
Visita e contato com empresas	Estimular a network e incitar o estudante a sair dos limites da IES para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado.
Plano de Negócios	Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, marketing, contabilidade, recursos humanos, comercialização, de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido.
Estudos de casos	Construção da habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao Empreendedorismo.
Trabalhos teóricos em grupo	Construção da habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito.
Trabalhos práticos em grupo	Construção da habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer.
Grupos de discussões	Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e prospectá-las como fonte de oportunidades.
Brainstorming	Construção da habilidade de concepção de ideias, prospecção de oportunidades, reconhecendo-as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações.
Seminários e palestras com empreendedores	Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto, abertura do negócio, sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora.
Criação de empresa	Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional.
Provas dissertativas	Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita.
Atendimento individualizado	Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano vivido nos pequenos negócios.
Trabalhos teóricos individuais	Construir a habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem.
Trabalhos práticos individuais	Construir a habilidade da aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de auto realização.
Criação de produto	Desenvolver habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação.
Filmes e vídeos	Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo
Jogos de empresa e simulações	Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios, solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais.
Sugestão de leituras	Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o Empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor.
Incubadoras	Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo competências como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreensão do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento de network com financiadores, fornecedores e clientes.
Competições de planos de negócios	Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores.

Fonte: ROCHA; FREITAS, 2014, p. 469.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada como qualitativa, descritiva e de campo. A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2001). Já a pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação (MORESI, 2003).

O estudo foi realizado nos cursos dos campi da UFU localizados em Uberlândia (Santa Mônica, Umuarama, Educação Física e Glória). O critério de seleção destes campi se deu por conveniência. Além disso, como relata Zikmund et al (2012), cada localidade estudada apresenta diferentes configurações de ambiente que podem vir a resultar em diferentes resultados. Por este motivo, buscou-se analisar o fenômeno da IE em um público universitário se analisando um único ambiente (no caso, a cidade de Uberlândia).

Os dados foram coletados por meio de análise documental (grades curriculares e planos de disciplina) e entrevistas semiestruturadas com professores e coordenadores dos cursos que contemplem o empreendedorismo em sua formação. Através da análise documental, identificou-se que dentre os 55 cursos de graduação oferecidos pela Universidade de Uberlândia, apenas 14 possuem disciplinas relacionadas à educação empreendedora, e destes 14 foram entrevistados 6 coordenadores e 7 professores, sendo 4 mulheres e 10 homens. As entrevistas foram realizadas, gravadas e transcritas na íntegra do mês de março a junho do ano de 2019, com um tempo médio de duração de 20 minutos.

A análise dos dados das entrevistas foi feita baseada na técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Conforme Bauer (2002), a análise de conteúdo busca reduzir a complexidade dos textos e falas, pois trabalha com o objetivo de filtrar a classificação sistemática e a contagem de extensos volumes de texto, em uma descrição curta de características representativas do que se pretende descobrir.

As categorias e subcategorias de análise foram criadas a priori, ou seja, a partir do referencial teórico. Os Quadros 2 e 3 apresentam as categorias, subcategorias e as perguntas dos roteiros das entrevistas feitas com os coordenadores (Quadro 2) e com os professores (Quadro 3).

Quadro 2. Perguntas do Roteiro – Coordenadores

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	PERGUNTAS
		Curso de graduação que coordena

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA Roque Filho, et. al (2015) Rocha; Freitas (2015) Menezes; Costa (2016) Dolabela (2008) Schaefer; Minello (2016) Dornelas (2008) Campanella; Peruta; Giudice, (2013) Meoli; Vismara (2016) Carbonell; Hernandez; García (2014)	DISCIPLINA(S) DE EMPREENDEDORISMO	Quando a disciplina de empreendedorismo começou a ser ministrada no curso?
		Qual professor ministra a disciplina atualmente?
		Qual unidade acadêmica fornece a disciplina?
		A disciplina é optativa ou obrigatória? Caso seja optativa você acredita que ela deveria ser obrigatória? Por quê? Caso seja obrigatória você acredita que ela deveria ser optativa? Por quê?
	BENEFÍCIOS, AÇÕES E ATIVIDADES	Na sua opinião, quais benefícios a disciplina traz aos alunos?
		Além da (s) disciplina (s) oferecidas existe alguma ação/atividade oferecida pelo curso com foco no desenvolvimento empreendedor dos alunos? Quais?
	MUDANÇAS	Como coordenador, faria alguma alteração na matriz curricular do curso em relação ao objetivo de desenvolvimento do empreendedorismo?
	IMPORTÂNCIA	Qual é a sua opinião a respeito da importância da educação empreendedora no curso e na UFU de uma forma geral?
	FUTURO PROFISSIONAL DOS ALUNOS	Ter uma disciplina de empreendedorismo no currículo do curso proporciona aos alunos diferentes expectativas para o futuro profissional?

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2. Perguntas do Roteiro - Professores

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PERGUNTAS
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA Roque Filho, et. al (2015) Menezes; Costa (2016) Schaefer; Minello (2016) Dornelas (2008) Campanella; Peruta; Giudice, (2013) Meoli; Vismara (2016) Carbonell; Hernandez; García (2014)	DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO	Curso de graduação:
		Disciplina ministrada pelo (a) professor (a):
		A disciplina é optativa ou obrigatória? Caso seja optativa você acredita que ela deveria ser obrigatória? Por quê? Caso seja obrigatória você acredita que ela deveria ser optativa? Por quê?
	IMPORTÂNCIA	Qual sua opinião a respeito da importância da educação empreendedora no curso e na UFU de uma forma geral?
	FUTURO PROFISSIONAL DOS ALUNOS	Ter uma disciplina de empreendedorismo no currículo do curso proporciona aos alunos diferentes expectativas para o futuro profissional?
METODOLOGIAS DE ENSINO Rocha; Freitas (2015)	MÉTODOS E PRÁTICAS	Quais metodologias e práticas de ensino são utilizadas no desenvolvimento da disciplina? (aulas expositivas, vídeos, estudo de caso, visitas técnicas, entre outras)
		Acredita que ao final da disciplina, os objetivos propostos são alcançados?
		Além da (s) disciplina (s) oferecidas alguma ação/atividade oferecida pelo curso com foco no desenvolvimento empreendedor dos alunos? Quais?
	INTERESSE E DESEMPENHO DOS ALUNOS	Os alunos são interessados nas atividades que são desenvolvidas?
		Os alunos se empenham e se dedicam nas atividades que são propostas?
		Os alunos procuram discutir e procurar informações relacionadas ao empreendedorismo ou a criação de seu próprio negócio?

Fonte: Elaborado pela autora.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente estudo busca compreender a formação empreendedora oferecida pelos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia aos seus alunos. Para isso, inicialmente a análise documental nos mostrou que dentre os 55 cursos de graduação que a universidade oferece em seus quatro campus (Campus Santa Mônica, Campus Umuarama, Campus Educação Física e Campus Glória) na cidade de Uberlândia, apenas 14 destes possuem pelo menos uma disciplina que envolva a temática de empreendedorismo.

Destes 14 cursos foram entrevistados 6 coordenadores e 7 professores, pois, os coordenadores dos outros oito cursos não tiveram disponibilidade para a realização das entrevistas. Dos entrevistados, 4 são mulheres e 10 homens, de faixa etária entre 33 a 55 anos. Para uma melhor compreensão foi elaborada uma legenda para identificação dos entrevistados, conforme o Quadro 4 abaixo:

Quadro 4. Legenda de identificação dos entrevistados

COORDENADORES	CURSO	PROFESSORES	UNIDADE ACADÊMICA
C1	Administração	P1	FAGEN
C2	Física de Materiais	P2	FAGEN
C3	Física Médica	P3	FAGEN
C4	Jornalismo	P4	FAGEN
C5	Sistemas de Informação	P5	FAGEN
C6	Engenharia Elétrica	P6	FAGEN
-	-	P7	FACED

Fonte: Elaborada pela autora.

Os principais resultados estão divididos de acordo com suas categorias de análise, conforme os tópicos a seguir.

4.1. DISCIPLINA (S) DE EMPREENDEDORISMO

Conforme a análise documental foi possível elaborar o Quadro 5, que discrimina os 14 cursos e suas determinadas disciplinas que possuem tópicos de empreendedorismo. Destes cursos, em 10 as disciplinas são oferecidas pela unidade acadêmica da Faculdade de Gestão e Negócios – FAGEN. Na Engenharia Elétrica e na Engenharia Biomédica as disciplinas são oferecidas pela Faculdade de Engenharia Elétrica – FEELT, em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia – IEUFU e no curso de Jornalismo pela Faculdade de Educação – FACED.

Quadro 5. Cursos e disciplinas de Empreendedorismo nos cursos da Universidade Federal de Uberlândia

CURSO	DISCIPLINA(s)
Administração	Empreendedorismo e Geração de Ideias Planos de Negócios Modelo de Negócios
Biotecnologia	Empreendedorismo
Ciência da Computação	Empreendedorismo em Informática
Ciências Contábeis	Empreendedorismo
Ciências Econômicas	Economia da Tecnologia
Engenharia Biomédica	Tópicos Especiais III: Empreendedorismo
Engenharia Elétrica	Empreendedorismo
Fisioterapia	Gestão de Negócios e Empreendedorismo
Gestão da Informação	Empreendedorismo e Geração de Ideias Planos de Negócios Modelo de Negócios
Sistemas de Informação	Empreendedorismo em Informática
Física de Materiais	Empreendedorismo
Física Médica	Empreendedorismo
Jornalismo	Empreendedorismo em Comunicação
Nutrição	Gestão de Negócios e Empreendedorismo

Fonte: Elaborada pela autora.

Nos cursos de Administração, Sistemas de Informação e Jornalismo as disciplinas são obrigatórias e tanto os professores, quanto os coordenadores acreditam que elas deveriam continuar sendo obrigatórias e não optativas.

P5: “(...) eu acho que ela tem que ser realmente obrigatória”.

C5: “Acredito que deve ser obrigatória porque é quanto ao nosso curso (...) como é muito aplicado, hoje tem-se criado muitas startups e a gente acredita que o empreendedorismo é fundamental pra o nosso curso”.

P3: “(...) então eu acho assim, que é uma atividade básica de um aluno do curso de administração, não é uma optativa”.

E um dos participantes acredita que além da disciplina obrigatória, deveriam existir outras disciplinas de empreendedorismo para que o aluno possa sair da graduação com um maior conhecimento desta área.

C1: “As disciplinas optativas, quanto maior a gama de disciplinas, quanto maior o leque, melhor para o aluno. Porque ele tem uma formação, uma extensão de informação mais ampla e ele também tem maiores possibilidades de escolha”.

Já para os cursos que as disciplinas são optativas, os participantes enxergam a necessidade do empreendedorismo no cenário atual, mas não veem a possibilidade de que ela

seja obrigatória, justificando muitas vezes que pela carga horária do curso. Pois muitas vezes deixariam de ministrar uma disciplina mais técnica do curso, para que a de empreendedorismo entrasse na grade curricular com obrigatória.

C3: “Para o momento acredito que não deveria ser uma disciplina obrigatória”.

C6: “(...) acho que cada dia que passa, eu vejo uma necessidade maior de se trabalhar esse conteúdo sim. Mas o problema é que tem carga horária e essas coisas de ter que dar uma baixa técnica do curso, então ainda há uma grande dificuldade de encaixar como obrigatória”.

4.2 IMPORTÂNCIA

A análise da importância da educação empreendedora pode ser dividida em duas partes, uma levando em consideração a importância em cada curso e outra a importância na universidade de uma forma geral. E em ambos foi possível notar que é bem importante ter disciplinas que desenvolva o empreendedorismo, mas que para isso é necessária a interação de instituições, e que a universidade também precisa pensar no mesmo sentido. Que não adianta partes isoladas desenvolverem esse conhecimento, se o todo não está interessado em também desenvolver e disseminar deste mesmo conhecimento. E cada vez mais é possível enxergar a necessidade dos cursos possuírem disciplinas de empreendedorismo, tendo em vista que é uma opção de carreira para os alunos e para isso, a universidade precisa ser um local em que isso possa ser desenvolvido.

P2: “A importância é grande”.

P6: “(...) é uma alternativa de carreira pro aluno, por isso que eu acho importante”.

P1: (...) Eu acho que é essencial essa disciplina (...) mas eu acho que é uma disciplina que deveria ter em todos os cursos né... porque se a gente for pensar, mesmo os cursos da área de artes, por exemplo, os cursos das áreas da saúde... as pessoas têm a possibilidade de abrir seus negócios dentro dessas áreas de formação também né, então, eu acho que é extremamente importante nesse sentido de ser uma possibilidade de carreira dos alunos”.

C1: (...) E a gente vê que a importância da universidade em relação a isso [empreendedorismo]... em promover a inovação, em promover a criatividade, promover o cidadão que pense e saia da caixinha né(...) então, o empreendedorismo é importante (...)”.

P4: “A importância, ela tá no fato de você expandir o horizonte do aluno pra além da formação específica de um curso(...) Então eu acho que em diversos cursos cabe ter esse conhecimento do que é empreender, da necessidade de empreender, porque vai chegar um ponto que não vai ter, como é que eu posso dizer... emprego em tudo quanto é lugar para esse tanto de gente que forma todo ano. Então, você vai ter que criar alguma coisa, ou ter a ideia de como criar... e outra coisa, a gente não pode empreender no sentido de só criar um negócio né, você pode empreender também até dentro de seu trabalho também... Acho que é necessário ter uma visão dessa natureza também, da universidade pensar um pouco mais, aproximar a universidade da economia, da sociedade, de coisas práticas também”.

P5: (...) Uma educação empreendedora é aquela que privilegia o aluno. Então saindo das disciplinas de empreendedorismo e indo pra uma coisa mais ampliada, de uma maneira mais... que coloque o aluno mais como protagonista da sua própria história do que propriamente o professor sendo esse protagonista, então eu penso, que também é inconcebível num cenário atual, é... não só e aí já partindo pra segunda questão que você colocou na mesma pergunta, uma universidade que não privilegie o aluno como protagonista da história, então perceba, que o professor, não é que ele fique em segundo plano, mas o professor, ele já não é mais aquele professor e nem pode ser aquele professor que só ministra aulas de um mesmo jeito há, sei lá, dez, vinte anos atrás. Então, o ensino, ele tem que ser empreendedor também. Então ele tem que privilegiar uma reflexão crítica do aluno. Ele tem que privilegiar parceiros de mercado e trazer isso pra dentro da universidade, ele tem que privilegiar eventos de uma maneira geral, instituições de maneira geral dentro dessa relação professor-aluno-universidade, né”.

Onze dos participantes veem o empreendedorismo como uma carreira profissional e tendo uma disciplina no decorrer do curso faz com que os alunos se sintam interessados e procurem mais conhecimentos da área, proporcionando até mesmo uma expectativa em seu futuro profissional.

Esses resultados vão ao encontro de pesquisas que mostram que o empreendedorismo é importante na vida dos estudantes e que para isso, é necessário que as universidades tenham um ambiente para que o empreendedorismo possa ser discutido, através de programas e atividades que desenvolvam essa cultura, para que os alunos entendam que o empreendedorismo também pode ser uma carreira profissional (DOLABELA; FILION, 2003; CAMPANELLA; PERUTA; GIUDICE, 2013). Além disso, foi possível notar que os participantes enxergam a educação empreendedora como alguns autores, que o papel principal nesta educação é do aluno, ou seja, ele é o protagonista de sua história, de sua carreira, e utiliza dos meios, que é a disciplina e as

outras atividades oferecidas pela universidade para melhor se preparar para o futuro profissional (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

4.3 BENEFÍCIOS, AÇÕES E ATIVIDADES

Para os participantes o empreendedorismo traz inúmeros benefícios aos alunos e faz com que eles saiam do curso com uma visão diferenciada, levando em consideração a ideia de que o empreendedorismo não é apenas para criar o seu próprio negócio e sim aplicar os conhecimentos adquiridos em qualquer outro lugar. Pode-se observar a grande relação com outros estudos, que mostra que a educação empreendedora proporciona aos alunos uma melhor qualificação e preparação, pois eles começam a enxergar melhor as oportunidades, constroem ideias e desenvolvem habilidades empreendedoras, o que se transforma em um grande diferencial no momento em que eles entrarem no mercado de trabalho (BARRETO, 1998; BAGGIO; BAGGIO, 2014; GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010).

C6: “(...) eu acho que o empreendedorismo daria essa segurança do estudante que não conseguir seu emprego imediato, ele optar por ter essa coragem de investir nele mesmo e montar seu próprio negócio. E mesmo aqueles que entram numa empresa, tentar fazer algum diferencial lá dentro e ser o diferencial dele, esse é o empreendedor dentro da empresa”.

C5: “(...) acredito que essa disciplina, ela faz com que os alunos pensem... eles saiam da caixa, por exemplo, de trabalhar só pra uma empresa. E assim eles podem pensar e refletir em criar suas próprias empresas e aplicar o conhecimento adquirido na disciplina de empreendedorismo”.

P3: “(...) ensinar empreendedorismo pra abrir um pouco mais a aplicação do conceito né, então, mostrar pro aluno onde ele poderia se envolver a sua carreira”.

P4: “(...) o aluno começa a pensar diferente, eu acho. Não quer dizer que ele necessariamente ele vai se tornar um empreendedor... mas aquela vivência, ela costuma ter um efeito em algum momento. Pode não no primeiro ano pós formado, mas em algum momento essa pessoa vai lembrar: olha em algum momento eu estudei isso, isso me impactou de alguma forma”.

Com relação às ações e atividades que são oferecidas pelos cursos com foco no desenvolvimento do empreendedor dos alunos, além da própria disciplina que é ministrada, pode-se observar que nos cursos das áreas de exatas a realização dessas ações é menos frequente e que em alguns cursos, como o de Física de Materiais, Física Médica e Engenharia Elétrica não foi possível enxergar a presença destas atividades.

E: “Além da disciplina que é oferecida, existe alguma ação ou atividade que é oferecida pelo curso com foco no desenvolvimento empreendedor dos alunos? Se sim, quais?”

C2: “Não, é só essa disciplina mesmo.

C6: “Não. Não com essa lógica do empreendedorismo”.

Já em cursos da área gerencial, como por exemplo, administração, gestão da informação, foi possível observar a presença de diversas atividades, como a realização de eventos, cursos e projetos de extensão, palestras, iniciação científica, o Núcleo de Estudos em Empreendedorismo e Pequenas Empresas (NEEPE) que é exclusivamente da Faculdade de Gestão e Negócios – FAGEN. No curso de Jornalismo existe o Prêmio Triângulo de Jornalismo que é uma premiação de propostas empreendedoras desenvolvidas pela área de comunicação. Mas diante a essa situação, é possível enxergar que são poucas as atividades e ações desenvolvidas e elas são bem focadas e restritas, e de iniciativa de alguns professores, ou alunos. Pensando na universidade como um todo, ainda há uma certa falta de iniciativa de mais atividades que desenvolvam o empreendedorismo.

As atividades oferecidas pela Universidade Federal de Uberlândia e que foram citadas pelos participantes são o Centro de Incubação de Atividades Empreendedoras – CIAEM e o Centro de Incubação de Empreendedorismo Populares Solidários – CIEPS, que são duas incubadoras que atendem alunos da universidade e a comunidade em geral. Outra atividade que vale destacar é a Liga Empreendedora de Uberlândia que foi criada por jovens empreendedores que têm o objetivo de formar e desenvolver outros jovens empreendedores.

C1: “(...) o CIEPS, que é uma incubadora que trabalha em prol da economia solidária, ora, é empreendedorismo? Sim, porque você tá trabalhando a inserção de agricultores familiares em um novo ciclo de negócios, não é tecnologia de ruptura, mas você está trabalhando o empreendedorismo, geração de ideias, novas possibilidades pra essas famílias. Então, as incubadoras são exemplos (...) Palestras, as pesquisas... iniciação científica é um exemplo também, de você sair da sala de aula e ir para a... a.. aplicar essas ideias, entre outros formatos que nós temos”.

P7: “Os projetos de extensão que são desenvolvidos(...) o Prêmio Triângulo de Jornalismo, premiamos propostas empreendedoras, inclusive. Desenvolvidas por profissionais da área de jornalismo, de comunicação, em toda a região”.

P6: “(...) a gente como grupo de professores aí, que estamos focados na educação empreendedora, né, a gente criou o NEEPE, que é o Núcleo de Empreendedorismo e Pequenas Empresas e nós temos tentado desenvolver atividades a cada semestre, buscando desenvolver o empreendedorismo nos alunos(...)”.

P3: “Olha, algum tempo atrás, o que está até sumida... mas um tempo atrás surgiu com iniciativa dos alunos e não da escola, uma

liga, chamada Liga Empreendedora. Que eles procuraram... procuraram não, fizeram alguns eventos, trouxeram alguns palestrantes aí, e agora estão meio sumidos, não sei se as pessoas que montaram aquela liga já terminaram o curso e foi embora(...) Mas assim, extra sala de aula, acho que são poucas as atividades voltadas a desenvolver aí essa habilidade empreendedora”.

P1: “Olha, a gente tem procurado... nós temos um núcleo de empreendedorismo e pequenas empresas... Núcleo de Estudo de Empreendedorismo e Pequenas Empresas (NEEPE) que é formado por professores da FAGEN (Faculdade de Gestão e Negócios) que a gente tem procurado proporcionar outras atividades... mas assim, é algumas palestras né, eventos nesse sentido. Cursos de extensão também, nós demos um curso de extensão o ano passado, mas ele não foi especificamente pros alunos da FAGEN, foi para alunos basicamente de outros cursos que não tem essa disciplina no currículo(...) Existem alguns eventos também, em parceria do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), com o NEEPE, com o CIAEM (...) de uma forma geral, quando a gente fala do empreendedorismo na universidade, eu acho que ainda faltam ações para melhorar o empreendedorismo dentro da universidade né. Eu acho que como eu falei pra você, é restrito ainda o número de cursos que oferecem essas disciplinas, e a gente percebe que há uma demanda de alunos de outros cursos com as disciplinas de empreendedorismo né. E mesmo outras ações, às vezes cursos de extensão que pudesse atender esses alunos né... de repente criar um centro de empreendedorismo dentro da UFU, que pudesse ter professores de vários cursos... pra promover atividades de empreendedorismo, então eu acho que ainda carece de outras iniciativas (...)”.

P5: “Então, por exemplo: uma empresa júnior né, os eventos que a gente traz pra dentro da universidade com pessoas de fora da universidade, o próprio CIAEM que a gente tem aqui né”.

Mesmo que haja algumas atividades desenvolvidas, é possível perceber e reafirmar conforme outros estudos que trabalhar o empreendedorismo muitas vezes é uma luta solitária e que muitas instituições de ensino precisam se preparar para implantar e estimular práticas voltadas ao empreendedorismo, para que os alunos entendam que eles são os atores principais de suas próprias ações (GUIMARÃES; LIMA, 2016; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

4.4 MÉTODOS E PRÁTICAS DE ENSINO

Foi identificado no decorrer das entrevistas que as metodologias mais usadas pelos participantes são metodologias ativas em que se pode aplicar na prática todos aqueles conteúdos que foram passados antes na teoria, como por exemplo, estudos de caso, vídeos, dinâmicas, visitas técnicas, trabalhos em grupo, seminário, palestras que envolvam o assunto estudado.

P4: “Tá, tem a combinação de um pouco de cada metodologia ou estratégia, que a gente pode usar de ensino né. Então, vídeos que você conta a história de empreendedores, é muito bem-vindo, é... os próprios trabalhos, quando você propõe pros alunos fazerem trabalhos em grupos pra constituir uma empresa ou um empreendimento... um negócio, um produto... alguma coisa nesse sentido, ou pra falar da própria profissão, eu acho bem interessante essa metodologia. Uma outra também que é o seminário, que ajuda muito, porque o aluno pesquisa, então eu acho que todas as ferramentas que o professor pode utilizar, elas são bem-vindas né? A visita técnica... Que mais... é, receber palestrantes, induzir o aluno a ir em palestras que falam do assunto. Então eu acho que tem que combinar um pouquinho de cada uma”.

P1: “Então, eu procuro variar bastante nas atividades que eu ministro durante a disciplina. Então assim, procuro sempre levar os alunos pra fazerem uma visita técnica né, levo empreendedores pra falar em sala de aula, que eu acho que é muito legal porque se tem uma visão pratica das coisas né... que muitas vezes vai reafirmar a teoria que eu já dei, isso é muito legal. Também procuro dar estudo de casos, dou vídeos, né? Então eu procuro variar o máximo possível... dinâmicas também, e aula expositiva né? Que você acaba tendo que dar um pouquinho de aula expositiva, mas tento mesclar a teoria com a prática”.

P5: “(...) disciplinas de empreendedorismo de uma forma geral e penso eu que outras disciplinas também, pra que a gente tenha uma universidade empreendedora, as metodologias têm que ser mais abertas, as metodologias têm que ser mais práticas, né? Mas óbvio, metodologias mais abertas, metodologias mais práticas eu não estou de maneira nenhuma desconsiderando a parte teórica. É você aplicar na prática o que você aprendeu na teoria. Então a gente precisa aprender e praticar, que é basicamente o que a gente faz na disciplina”.

P6: “(...)uma atividade que eu chamo de encontro de mercado, em que o mesmo grupo do seminário trazem um profissional pra falar com a turma, um profissional da área deles(...)”.

P2: “Vídeos, estudos de caso, dinâmicas, slides, leitura de livros, trabalhos em grupo, trabalhos "de campo" (pedir ao aluno que entreviste um empreendedor), provas, aula expositiva”.

Ao identificar as metodologias usadas, podemos comparar com outros estudos e perceber que elas vão ao encontro dos métodos pedagógicos que promovem esse tipo de ensino e que palestras, leituras, estudo de caso, visitas a empresas, simulações, projetos em grupos, de programas de incubação de empresas, parques tecnológicos, programas e incentivos do governo, empresas juniores, entre outras atividades que fortalecem a presença do

empreendedorismo na vida dos jovens universitários (DORNELAS, 2008 DOLABELA, 2008; HENRIQUE; CUNHA, 2008).

4.5 INTERESSE E DESEMPENHO

É possível perceber que diante a situação do empreendedorismo na universidade, existem dois problemas de interesse, um está ligado a resistência existente de alguns professores em relação ao empreendedorismo, pois acham que este não é importante na universidade e que existem outras opções para se aprender fora do ambiente universitário.

P1: “(...), por mais que a gente esteja hoje em dia, falando tanto de empreendedorismo e valorizando tanto, a gente ainda encontra professores que têm resistência à essa questão do empreendedorismo, acham que não é importante na universidade, que o aluno vai lá no Sebrae e faz um curso e tá tudo certo né, então ainda existe uma questão cultural que precisa ser quebrada”.

P3: “(...) no final das contas, é... o empreendedorismo aqui na UFU está sendo tocado a nível individual entendeu?(...) tem umas pessoas que falam “ah, esse negócio de empreendedorismo é balela... esse negócio não é necessário...” É fácil pra algumas pessoas falarem isso, porque ele tem estabilidade no emprego, certo? Não vai ser ele que no final do curso vai pro mercado de trabalho buscar emprego, então pra ele é fácil dizer que o empreendedorismo não é necessário, que é balela.

E outro problema está no interesse dos alunos, pois muitos deles ainda não perceberam que são os principais atuentes de sua vida e que os professores estão ali apenas para passar o conhecimento e orientá-los para que alcance os seus objetivos. Existe sim uma parte de alunos interessados e que procuram se aprofundar nos conhecimentos sobre empreendedorismo, mas que há aquela parte que não tem interesse na disciplina, e a frequenta apenas por obrigação. Outro ponto analisado é em questão da interdisciplinaridade, pois as disciplinas de empreendedorismo tratam disso e muitas vezes não é absorvido pelos alunos.

E: Bom, agora é mais uma parte de interesse e desempenho dos alunos. Os alunos são interessados nas atividades que são desenvolvidas na disciplina?

P5: “(...)É... não a grande maioria (...) é uma disciplina que ela tem interdisciplinaridade, mas tem uma interdisciplinaridade que muitas vezes não é absorvida como tal, ou seja, a gente não coloca isso em prática na interdisciplinaridade, na prática (...) e dentro desse sistema, que querendo ou não é muito hierarquizado ainda na universidade pública, a gente ainda não conseguiu fazer com que se visse como esse protagonista, como personagem principal do próprio processo ensino aprendizagem. Ele ainda

transfere para o professor, que esse processo é muito mais do professor do que dele né? Então, o que acontece, o aluno muitas vezes ele vem e às vezes até por falta de maturidade do próprio aluno, ele não se encaixa naquela determinada metodologia que é colocada da melhor forma possível pelo professor e que às vezes ele não pega como uma coisa dele “ah, eu não tenho obrigação, estou aqui obrigado” né? [Risos] E aí, é nisso que às vezes a própria disciplina não se concretiza totalmente como uma coisa que foi boa, tanto para o professor, quanto para o aluno e o aluno não se interessa muitas vezes.

Os resultados apontam semelhança com os resultados encontrados por Krakauer (2014), que ainda existe um problema em relação ao desinteresse dos alunos e aos resultados alcançados.

5 CONCLUSÃO

Contudo, para a compreensão da educação empreendedora nos cursos de graduação na Universidade Federal de Uberlândia foi possível identificar que são poucos os cursos de graduação com disciplinas de empreendedorismo na Universidade Federal de Uberlândia em relação a quantidade de cursos existentes. E que a educação empreendedora ainda é um assunto pouco explorado e pouco incentivado dentro da instituição de ensino, pode-se concluir que existem ações e atividades com foco nesse desenvolvimento do empreendedorismo, mas que são realizados de formas isoladas, às vezes em determinados cursos e até mesmo por determinado grupo de professores e isso não é bom para os alunos e nem para a universidade de forma geral, tendo em vista que o empreendedorismo é um assunto atual e que está sendo bem discutido e trabalhado com interdisciplinaridade. Portanto, é preciso que o empreendedorismo seja visto com melhores olhos pelas universidades e por outros professores, para que assim, mais atividades sejam desenvolvidas e faça com que o empreendedorismo se torne mais presente na instituição e na vida dos alunos.

Em relação aos métodos pedagógicos utilizados pelos professores, observa-se que vão ao encontro com outros estudos realizados e que é uma maneira eficaz de acontecer o processo de aprendizado do aluno, que é através de palestras, leituras, estudo de caso, visitas a empresas, simulações, projetos em grupos, de programas de incubação de empresas, programas e incentivos do governo, empresas juniores, projetos de extensão, entre outros. Mas que ainda é pouco incentivado e pouco usado pelos alunos, ainda existe a falta de interesse dos próprios alunos para irem atrás de diferentes formas de se aprender sobre o empreendedorismo.

Tendo em vista o último objetivo proposto por este artigo, sugere-se iniciativas de melhorias na extensão de disciplinas de empreendedorismo nos outros cursos de graduação que

a universidade possui, melhorias nos recursos destinados para as áreas que desenvolvem o empreendedorismo, o aumento de disciplinas ou até mesmo de atividades que possuem o foco no empreendedorismo, para que os alunos tenham mais conhecimento e desenvolvam melhor suas habilidades empreendedoras. É válido ressaltar que ainda existe uma resistência de alguns professores em relação a educação empreendedora, o que dificulta que muitas ações sejam desenvolvidas nessa área.

Outra sugestão seria a criação de um Centro de Empreendedorismo na universidade para que assuntos sobre o tema sejam melhores estudados, podendo ser uma atividade multidisciplinar, visando que a educação empreendedora busca existir um aprendizado que mescele mais de uma disciplina, além de poder compartilhar estudos e aprendizados com a comunidade, como o FGVcenn - Centro de Empreendedorismo e Negócios existente na Faculdade Getúlio Vargas e o Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia da Universidade de São Paulo.

Para este trabalho, houve dificuldades de entrevistar alguns coordenadores, o que tornou a pesquisa limitada a apenas seis cursos e não os quatorze cursos que possuem disciplinas de empreendedorismo. Para estudos futuros, foi identificado a necessidade de estudar a visão dos alunos em relação à educação empreendedora na Universidade Federal de Uberlândia.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, p. 25-38, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 2ª reimp. da 1ª edição de 2011. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, v. 20, n. 41, p. 189-197. 1998.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERNHOFER, R. **Como tornar-se empreendedor (em qualquer idade)**. Nobel, 1997.

CAMPANELLA, F.; PERUTA, M. R. D.; GIUDICE, M. D. The Role of Sociocultural Background on the Characteristics and the Financing of Youth Entrepreneurship. An Exploratory Study of University Graduates in Italy. **J Knowl Econ**, New York, vol. 4, p. 244-259. 2013.

CARBONELL, J. R.; HERNANDEZ, J. C. P.; GARCÍA, F. J. L. Business creation by immigrant entrepreneurs in the valencian community. The influence of education. **Int Entrep Manag J**, vol. 10, p. 409-426. 2014.

DEGEN, R. J. **O empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2009.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil : a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008.

ETZKOWITZ, H. **MIT and the rise of entrepreneurial science**. Routledge: London. 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. **Educação empreendedora nas universidades brasileiras**. In: LOPES, R. M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

GUIMARÃES, J. de C.; LIMA, M. A. M. Empreendedorismo Educacional: reflexões para um ensino docente diferenciado. **RPCA**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 34-49, abr./jun. 2016.

HENRIQUE, D. C., CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136. 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HONIG, B. Entrepreneurship education: toward a model of contingency-based business planning. **Academy of Management Learning and Education**, v. 3, n. 3, p. 258-273. 2004.

HUYGHE, A.; KNOCKAERT, M. The influence of organizational culture and climate on entrepreneurial intentions among research scientists. **Journal of Technology Transfer**, v. 40, n. 3, p. 138-160. 2015.

ILANDER, G. P. B. The use of feature films to promote entrepreneurship. **International Journal Information and Operation Management Education**, v. 3, n. 3, p. 284-302. 2010.

ISENBERG, D. **How to Start an Entrepreneurial Revolution**, Harvard Business Review. Retrieved. 2010.

ISENBERG, D. **The entrepreneurship ecosystem strategy as a new paradigm for economic policy: principles for cultivating entrepreneurship**. Presentation at the Institute of International and European Affairs, Dublin. 2011.

KENNEY, M.; GOE, W. R. The role of social embeddedness in professional entrepreneurship: A comparison of electrical engineering and computer science at UC Berkley and Stanford. **Research Policy**, v. 33, n.5, p. 679–844. 2004.

KNOTTTS, T. L. The SBDC in the classroom: providing experiential learning opportunities at different entrepreneurial stages. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 14, p. 25-38. 2011.

KRAKAUER, P. V. C. **Ensino de empreendedorismo: estudo exploratório sobre a aplicação da teoria experimental**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 189p.2014. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de economia, administração e contabilidade, Universidade de São Paulo. São Paulo.

KURATKO, D. F. The emergence of entrepreneurship education: development, trends, and challenges. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 5, p. 577-598. 2005.

LIMA, E. de O.; LOPES, R. M.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n.4, p 419-439, jul./ago, 2015a.

_____. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering brazilian challenges. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 4, p. 1033-1051, 2015b.

LOPES, R. M .A. **Contextualização sobre empreendedorismo**. In: LOPES, R. M. A (Org). Ensino de empreendedorismo no Brasil: panorama, tendências e melhores práticas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

LOPES, R. M. A. **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. São Paulo: Elsevier, 2010.

LOPES, R. M. A.; TEIXEIRA, M. A. A. **Educação empreendedora no ensino fundamental**. In: LOPES, R. M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

LOPES, R.M.A.; LIMA, E. O.; NASSIF, V. M. J. **Panorama sobre a Educação para o Empreendedorismo**. In: LOPES, R. M. A (Org). Ensino de empreendedorismo no Brasil: panorama, tendências e melhores práticas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

MALACARNE, R.; BRUNSTEIN, J.; BRITO, M. D. Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP. **REGEPE**, vol.3, n.2, p. 20-41. 2014.

MENDES, M. T. T. **Educação Empreendedora: uma visão holística do empreendedorismo na educação**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia. Lisboa, 2011.

MENEZES, B. F. R.; COSTA, A. S. M. Experiência de Trabalho e Formação Empreendedora: um estudo sobre a empresa júnior PUC Rio. **Revista ADM.MADE**, Rio de Janeiro, ano 16, v.20, n.1, p.79-105, janeiro/abril. 2016.

MEOLI, M.; VISMARA, S. University support and the creation of technology and non-technology academic spinoffs. **Small Business Economics**, v. 47, n. 2, p. 345–362. 2016.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINNITI, M.; BYGRAVE, W. D. A dynamic model of entrepreneurial learning. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v. 25, n. 3, p. 5-16. 2001.

MIRSHIKAWA, V.. **Empreender é a solução**. São Paulo: DVS Editora, 2004.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

NAKAGAWA, M. **Plano de negócio: teoria geral**. Barueri: Manole, 2011.

NORTH, D. C. **Institutions, institutional change and economic performance (the political economy of institutions and decisions)**. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

OLIVEIRA, D. G. A evolução conceitual da educação para o empreendedorismo como um campo científico. **Revista Alcance – Eletrônica**. vol. 23, n. 4, pp. 547-567. out.-dez. 2016.

PPCADM. Projeto Pedagógico do Curso de Administração de Empresas. Universidade Federal de Uberlândia. 1994. Disponível em: http://www.fagen.ufu.br/sites/fagen.ufu.br/files/filefield_paths/prc149_94volumei.pdf. Acesso em janeiro de 2018.

PPCADM. Projeto Pedagógico do Curso de Administração de Empresas. Universidade Federal de Uberlândia. 2011. Disponível em: http://www.fagen.ufu.br/sites/fagen.ufu.br/files/filefield_paths/ppnovo.pdf. Acesso em janeiro de 2018.

RIBEIRO, R. de L.; OLIVEIRA, E. A. de A. Q.; ARAÚJO, E. A. S. A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 10, n. 3 (número especial), p. 295-313. 2014.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 4, p. 465-486, julho-agosto. 2014.

ROQUE FILHO, M. P.; STETTINER, C. F.; OLIVEIRA, M. C. M. Educação empreendedora para jovens como ferramenta de inclusão social – fomento e apoio ao empreendedorismo e a inovação. **Revista FATEC Sebrae em debate: gestão, tecnologias e negócios**. vol. 2, n. 3. 2015.

SALUSSE, M. A. Y.; ANDREASSI, T. O ensino de empreendedorismo com fundamento na Teoria Effectuation. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 305-327, maio-jun. 2016.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 3, p. 60-81, julho-set. 2016.

SCHMIDT, J. S.; SOPER, J. C.; FACCA, T. M. Creativity in the entrepreneurship classroom. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 15, p. 123-131. 2012.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. **Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras**: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) Educação para o empreendedorismo. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

UNCTAD Secretariat. **Division on Investment and Enterprise: Results and Impact – Report 2015**, United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva, 2015. Disponível em: <http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/diae2015d1_en.pdf>. Acesso em: março, 2018.

UNCTAD Secretariat. **Entrepreneurship Education, Innovation and Capacity-Building in Developing Countries**, United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva, 2011. Disponível em: < http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9_en.pdf>. Acesso em março, 2018.

ZIKMUND, W. G.; BABIN, B. J.; CARR, J. C.; GRIFFIN, M. **Business research methods**. South-Western: Cengage, 2010.